

DIÁLOGOS COM MICHEL DE CERTEAU: REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO.

Natali Braga Spohr Schmitt*

Resumo: Ao pensar sobre a cultura de uma sociedade, o universo escolar e as questões da língua, Michel de Certeau desenvolve a partir daí, outra interpretação daquilo que era tido como natural no consumo das coisas pelos sujeitos, ou seja, desnaturaliza a passividade destes atos e propõe que quando consomem, os indivíduos manipulam os produtos conforme seus interesses. Semelhante a isso, na mídia e na educação, e também no turismo, são observadas essas possibilidades.

Palavras-chave: Michel de Certeau, A invenção do cotidiano, Consumo.

Abstract: When thinking about the culture of a society, the school environment and the issues of language, Michel de Certeau develops from there, another interpretation of what was seen as the consumption of natural things by the subjects, in other words, denatures the passivity of these acts and suggests that when consumed, individuals manipulate the products according to their interests. Similar to this, the media and education, and also in tourism, these possibilities are observed.

Keywords: Michel de Certeau, L'invention du quotidien, Consumption.

Introdução

Michel de Certeau, por quem o apresenta na obra **A invenção do cotidiano**, Luce Giard¹, é tido como alguém que intriga e desconcerta, que movimenta-se constantemente e relativiza noções de verdades estabelecidas.

Historiador e teólogo, fez parte da Ordem dos Jesuítas e muitas de suas reflexões são observadas nos dias de hoje, o que o torna um vanguardista da era pós-moderna. A partir de reflexões sobre o que constitui a cultura numa sociedade, quando pensava sobre a escola, as universidades e também em questões linguísticas, Certeau percebe que pode haver uma inversão de perspectiva, ou seja, constrói uma “questão indiscreta”, onde desnaturaliza a ideia de consumo passivo e acrescenta possibilidades desviantes na

* Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Especialista em Gestão Pública Municipal através da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo – PPGH/UPF. Contato: nspohr@hotmail.com.

apropriação das coisas pelos sujeitos. Interessa-se muito mais pelas manipulações que são feitas dos produtos que por suas especificidades, de maneira que o conjunto das idiosincrasias anônimas adquire contornos de lugar de análise.

L'invention du quotidien e algumas inflexões

O livro de Certeau tem por pano de fundo uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 1974 e 1978. Ele se ocupa em narrar a cultura ordinária, que de um lado tem suas práticas permeadas pelas relações sempre sociais e ao mesmo tempo, traz manifestações de “peixes disfarçados ou insetos camuflados”, isto é, contesta a aceitação meramente passiva dos consumidores ou receptores dos produtos. Sua análise considera que o “cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (CERTEAU, 2002, p. 38).

Na Introdução Geral, o item um, intitulado A Produção dos Consumidores, divide-se em subtítulos, o primeiro deles **O uso ou o consumo**, apresenta uma análise das representações que a televisão traz, do tempo que os indivíduos despendem em frente ao aparelho, daquilo que surge a partir destas ocasiões, ou seja, a “fabricação” com ares poéticos desenvolvida com o que é depreendido nas horas de consumo. Esta situação pode ser estendida para a apropriação do espaço urbano, a aquisição dos produtos no supermercado e as informações lidas nos jornais.

Os sistemas da “produção”, sobretudo televisiva, urbanística e comercial, estudados por Certeau, indicam que para a racionalizada e barulhenta produção, existe outra possibilidade de produção, esta silenciosa e bastante velada, a qual corresponde *as maneiras de empregar os produtos*.

Como exemplo, o autor aponta as subversões que os indígenas faziam quando eram obrigados a aculturação pelos colonizadores. Semelhante aos indígenas, nas sociedades contemporâneas, indivíduos dos grupos que não integram as classes dominantes, ao receberem as culturas, ressignificam-nas.

Fábio G. Josgrilberg desenvolveu um estudo chamado **Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas?** onde analisa os processos midiáticos a partir da teoria do historiador do cotidiano. No que tange à televisão, Josgrilberg pergunta quais são as delimitações entre a formação de opinião pela televisão e a apropriação das opiniões para se fazer conteúdos televisivos. Assim,

inspirado por Foucault, reflete nas fronteiras entre a imposição da mídia e sua conciliação ao estilo dos receptores das informações.

Dentro deste contexto, Josgrilberg diz que os produtos televisivos são controlados por ferramentas que enquadram as produções, moldam-nas até que atinjam as formas esperadas, enquanto que as relações sociais se pautam por manifestações orais, portanto repletas de espontaneidade. Ao mesmo tempo em que o lugar determina a perspectiva da produção televisiva, pois é neste espaço que se pratica o lugar pelo receptor, aquilo que é manufaturado para a televisão faz parte deste ambiente, o qual é constantemente reinventado pelo recebimento dos sujeitos.

Tudo isso é chamado por Certeau de histórias, são elas que movimentam o panorama e o tornam acreditável. A questão está na predileção de algumas histórias, tidas como as “grandes” em detrimento de outras, consideradas “pequenas”. Outro cuidado a ser tomado é evitar a dicotomização de espaço e lugar, afinal os dois coexistem numa mesma problemática.

Josgrilberg também observa os usos da linguagem, conclui que a antidisciplina de Certeau ocorre através dela, sobretudo por preceder da existência do sujeito, que atualiza suas falas enquanto realiza sua trajetória.

Através da análise do ato enunciativo e da extensão para outras práticas, como cozinhar e caminhar, Certeau atesta que tais quais indígenas, os sujeitos comuns fazem uma “bricolagem” naquilo que a cultura dominante apresenta, transfiguram a lei, numa *atividade de formigas* repleta de nuances a serem apreciadas.

O segundo subtítulo, chama-se **Os modos de proceder da atividade cotidiana** e nele, Certeau traz a obra *Vigiar e Punir* de Michel de Foucault, que aborda o aparato de vigilância das instituições, principalmente as de educação que “vampirizam” a sociedade. Certeau reflete sobre isso e formula o questionamento de que se tal coisa é verdade, como é que conseguimos escapar dessa vigilância generalizada. Quais são as maneiras de fazer que tornam possível não sucumbir ao controle? São as táticas criativas do cotidiano dos consumidores ou dominados, as quais permitem transitar pela vigilância, que ele chama de *rede de uma antidisciplina* e afirma que resume o tema de **A invenção do cotidiano**.

Nesse sentido, Marília Claret Geraes Duran, em **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**, analisa o cotidiano escolar, sobretudo em momentos de transições, como quando da introdução do Ciclo Básico². Sua intenção é

perceber as diferenças e processos criativos, num lugar que para muitos há apenas a mesmice dos usos estabelecidos.

Em sua pesquisa, Duran dedicou-se à percepção das maneiras de fazer dos professores e alunos, observou as práticas subterrâneas, as táticas e estratégias deste coletivo, onde, por inspiração de Certeau, a atenção migrou dos “produtos recebidos para a criação anônima” (DURAN, 2007, p.120). De acordo com relatos das professoras sobre a aplicação da cartilha, verificou-se que acontece na maior parte do tempo a subversão da ordem dominante, ou seja, as manifestações adquirem contornos que atendam interesses próprios, num exercício de “bricolagem”.

A formalidade das práticas dá sequência ao livro de Michel de Certeau, nesta seção o autor supõe que existe um *modus operandi*, uma lógica nas práticas que assim como a cultura popular, combina um modo de pensar com um modo de agir. Na tentativa de assimilar as formalidades das práticas nas maneiras de fazer, Certeau se utilizou de duas pesquisas, uma mais descritiva, que relacionou práticas de leitura, de apropriação dos espaços urbanos, ritualizações cotidianas e duas monografias, enfim, para analisar “bricolagens poéticas e um reemprego das estruturas comerciais” (CERTEAU, 2002, p. 42). A segunda pesquisa baseou-se na literatura científica, cujas áreas foram três, uma delas amparada na antropologia, na sociologia e na história, através de Marcel Mauss, Pierre Bourdieu, Edward Laumann entre outros. A etnometodologia e a sócio-linguística de Harold Garfinkel e William Labov, também colaboraram na pesquisa de Certeau e finalmente, a semiótica e as filosofias de David Lewis e Noam Chomsky, dentre vários.

Em **A marginalidade de uma maioria**, Certeau introduz a ideia de uma marginalidade de massa, composta pelos indivíduos que consomem, mas não produzem a cultura tal qual um produto, pelo contrário, compram aquilo que o espetáculo oferece, simbolizando desta maneira, o seu lugar (à margem) no sistema. É silenciosa, mas tampouco homogênea.

O item dois é chamado de Táticas de Praticantes, e neste momento Certeau percebe que o modelo dicotomista não dá mais conta da análise das relações entre os produtos e os consumidores, e revelam-se três esquemas: problematização do material coletado; descrição de práticas, como ler, andar, cozinhar, etc.; e por fim, levar as essas práticas aos lugares de análise comumente regidos por outra lógica.

Trajelórias, táticas e retóricas, fala da produção desconhecida desenvolvida pelos consumidores, do “*patchwork* cotidiano” que escapa à estatística. Trajelórias são as transcrições, gráfcos substituídos por operações.

E então Certeau parece embretar no descaminho de suas lógicas e prefere definir e diferenciar estratégia e tática. Estratégia é o cálculo da relação de forças para o desenvolvimento de determinados objetivos. Trata-se de procedimentos organizados para gerir os contatos com ambientes externos, por exemplo, os modelos nacionalistas. Já as táticas são cálculos desprovidos de si, sobreposições do lugar sobre o tempo, ao passo que dependem do tempo para tornar acontecimentos, ocasiões. Num exercício incessante de aproveitar situações para se fortalecer.

Grande parte das manifestações cotidianas são compreendidas por táticas, desde comportamentos como caminhar, fazer compras e conversar quanto vitórias sobre situações adversas, tais quais recuperação de doenças, pequenos golpes, capacidade de se reinventar, enfim, *performances operacionais*, muito antigas e bastante necessárias na sociedade atual, considerada pelo autor, cada vez menos estável.

Ler, conversar, habitar, cozinhar..., articula as práticas cotidianas através da leitura, utilizada como ponto de partida para a compreensão de uma produção que não capitaliza. A leitura, de imagens ou textos, a princípio parece demonstrar a condição passiva do consumidor, com atitude de *voyer*, isto é, um observador que não interage, apenas absorve.

No entanto, assim como fizeram os poetas que não se condicionaram a métrica e a rima, os leitores inauguram uma arte de apropriação de textos e da “sociedade feita texto” (CERTEAU, 2002, p. 50) onde imprimem suas várias distinções.

Extensões: prospectivas e políticas, traçam um panorama daquilo que poderá vir por diante, se a pesquisa não pode de fato funcionar como uma colagem, onde as táticas dos sujeitos são consideradas e então se abre uma brecha na rigidez da ciência. Quanto à política do indivíduo, resta “encontrar na megalópole eletrotécnicizada e informatizada a “arte” dos caçadores” (CERTEAU, 2002, p. 52) as criações dos consumidores e Michel de Certeau sugere a elaboração de uma política que fale dessas astúcias. Ou seja, que dê voz a um anti-herói, um sujeito ordinário, assim como fez Freud³.

Também o fez Zygmunt Bauman⁴, quando tratou de falar do vagabundo e aproximou-o do turista, colocando-os numa mesma categoria de metáfora da contemporaneidade. Momentos instáveis, nada seguros e repletos de possibilidades

descartáveis, são a modernidade líquida de Bauman e os turistas e vagabundos são os que melhor representam este novo paradigma.

Enquanto que o turista viaja por que considera o mundo atraente, o vagabundo movimenta-se em táticas para sobreviver, pois para ele o mundo é rude, áspero, afinal é o alter ego do turista.

Agora, olhemos para o turista, mais precisamente sobre as maneiras de fazer de um homem comum que inventa alternativas para escapar à conformação. Sujeitos aparentemente entregues à passividade e à disciplina que possuem táticas para transitar e resistir na sociedade, sim, pois de acordo com a teoria de Certeau, as viagens são uma estratégia, são cálculos que requerem planejamento.

Para Bauman, o turista movimenta-se em razão de seus sonhos. Chama isso de liberdade, pois é a oportunidade para ser autônomo. Trata-se da ocasião em que os outros não questionam o seu direito de sair do espaço (lugar praticado) no anseio por um lugar (espaço próprio).

Considerações Finais

Conforme Certeau indica, a passividade do turista, principalmente daquele que faz parte do chamado turismo de massa, não pode ser aceita como uma verdade canonizada, visto que as possibilidades de usar os produtos são múltiplas. A receptividade que o sujeito tem das coisas não é algo paralisado, mesmo que geograficamente, se repitam viagens por anos, aquilo que é depreendido ou “fabricado” a partir do consumo modifica-se, do mesmo modo que as significações televisivas se atualizam através do movimento tático.

A apropriação de destinações turísticas pelo consumo de roteiros estabelecidos, apesar de não ser cotidiano, faz parte da reinvenção do ambiente ordinário e semelhante a práticas como ler ou usar o espaço urbano, possui um encanto latente, com capacidade para criar outros produtos e então se pergunta, até que onde o turismo é formador de opinião e não obstante depende das pessoas para produzir destinos?

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: PENCHEL, Marcus. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 141⁵.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Tradução: ALVES, Ephraim Ferreira. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 351⁶.

DURAN, Marília Caret G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez, 2007.

JOSGRILBERG, Fábio B. Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas? *Comunicação e Sociedade*, ano 23, n. 37, p. 23-34, 2004.

Notas

¹A bibliografia de Michel de Certeau, com cerca de 400 obras, incluindo as traduções, foi concluída em 1988 por Luce Giard para uma edição especial da *Recherches de Science Religieuse*.

² De acordo com Marília Claret Geraes Duran, o Ciclo Básico teve início na rede estadual de ensino de São Paulo, na década de 1980, numa tentativa de democratizar a escola, através da aglutinação das 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, para que não houvesse reprovação no primeiro ano escolar.

³ *Das Unbehagen in der Kultur* (O Mal-estar na Cultura), escrito em 1929 e publicado em 1930.

⁴ Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, cujas contribuições à ciência se dão, sobretudo na teorização da contemporaneidade, no desenvolvimento de reflexões sobre a modernidade e sua condição de liquidez.

⁵ Título original: *Globalization: the human consequences*. Tradução autorizada da primeira edição inglesa publicada em 1998 por Polity Press, em associação com Blackwell Publishers, de Cambridge/Oxford, Inglaterra, 1998.

⁶ Original francês: *L'invention du quotidien – 1a. arts de faire*. Éditions Gallimard, 1990.